

“O ERRO DE DESCARTES: EMOÇÃO, RAZÃO E O CÉREBRO HUMANO”

João Marcos da Silva Dantas¹, Fernando Augusto Pacífico²

¹ Discente do Curso de Medicina, FMO, ² Professor e Coordenador do Laboratório Morfofuncional, FMO

Recebido: 27.abril.2022 | Aprovado: 25.maio.2022

António Rosa Damásio, nascido em Lisboa, Portugal, radicado nos Estados Unidos desde 1975, é um médico neurologista que atua como diretor do Departamento de Neurologia do Comportamento e Neurociência Cognitiva da Universidade de Iowa, ainda fazendo parte do Centro de Investigação da Doença de Alzheimer desta, além de lecionar neurociência na Universidade da Califórnia. A partir de sua escrita e da sua pesquisa, Damásio passou a ser conhecido, evidentemente, como um dos grandes nomes dos integrantes da medicina mundial. A sua investigação na abordagem ao processo de tomada de decisão, pelo qual a humanidade é imposta inúmeras vezes, a fixa como grande pensador no âmbito do cruzamento da psicologia social com a medicina ativa e investigativa.

Dentre os expoentes que fazem parte do conjunto de sua obra, destaca-se “O erro de Descartes”, fazendo alusão ao conhecido dualismo cartesiano que postula a mente, configurada como razão sublime, que reside na alma, sendo independente do corpo e das emoções e deixando de ocupar um espaço físico. Tal ideia influenciou fortemente a pesquisa científica e o pensamento filosófico ocidental (a exemplo de Kant), e é contraposta pela escrita de Damásio, que ainda se mostra desfavorável ao método mecanicista de análise do filósofo iluminista francês, propondo a união da investigação neuropsicológica com o estudo neurobiológico.

O início da obra destaca o caso de Phineas Gage, mundialmente conhecido na medicina, no qual um adulto jovem teve o seu crânio transfixado por uma barra de ferro. O capítulo narra (com linguagem fluida) como o caso repercutiu, pois embora tenha ocorrido um mínimo ou mesmo nulo comprometimento funcional motor, ou de linguagem, o caráter e a personalidade do acidentado mudaram bruscamente, como na frase consolidada: “Gage deixou de ser Gage”.

Assim sendo, é relatado que o ocorrido fomentou diversos debates na sua época, visto que alguns cientistas defendiam que as funções psicológicas não poderiam ser imputadas a uma determinada região cerebral, enquanto outros davam enfoque à especialização de certas partes na geração de distintas funções mentais. O texto ainda segue atribuindo papel às ferramentas de conhecimento desse tempo, como a “organologia” que deu origem ao campo de estudo da frenologia.

O livro segue apresentando o caso do devastador acidente. Porém, ilustrando e trazendo a abordagem da neuroanatomia, a qual também é incorporada para revelar as descobertas de Broca no tempo de Gage, aspecto desafiador para a tentativa de compreensão de John Harlow, médico responsável pelo caso. O passar das páginas denota a relação entre o sistema límbico e o córtex frontal.

Fazendo essa relação, elucida-se que uma interrupção no julgamento de ações futuras, como ocorreu com Phineas Gage após a lesão, demonstram que indivíduos com déficit de integrar funções do córtex frontal ao sistema límbico são incapazes de conter emoções secundárias, havendo uma perda de aprendizagem emocional.

Seguindo nas ideias propostas, o autor introduz a hipótese do marcador somático, foco que também protagoniza o tema do livro. Definida por uma elaboração neuropsicológica da teoria da emoção do psicólogo americano William James, Damásio traz que há tanto emoções primárias e secundárias, quanto o sentimento associado a estas, mostrando, de forma categórica, como esses elementos interagem para a criação de imagens mentais.

Desse modo, a elegante obra de Damásio mergulha na intenção de elevar o entendimento do leitor ao contrapor uma impressão filosófica estabelecida de que a emoção é um empecilho



PONTO DE VISTA

para o desenvolvimento do processo racional, sendo ela essencial para este. O levantamento histórico de um caso marcante, a pesquisa neurobiológica, a explicação do mecanismo intuitivo, a proposição dos marcadores somáticos, bem como o destrinchar do raciocinar com aporte emocional e da capacidade de decisão num contexto pessoal e social tiram a idealização da alma imaterial da sua apoteose e praticamente obrigam a mudar este ponto de fundamento que Descartes deixou, indo de “*Cogito, ergo sum*”, do latim, “Penso, logo existo” para “Existo, tenho emoções, logo penso”.